

MAIS DE 500 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

NORA ROBERTS

CRÔNICAS DA ESCOLHIDA LIVRO 2



DE
SANGUE
E
OSSOS

UM NOVO PODER ESTÁ SURGINDO

Título original: *Of Blood and Bone*
Copyright © 2018 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Simone Reisner

preparo de originais: Luara França

revisão: Eduardo Carneiro e Sheila Louzada

projeto gráfico e diagramação: DTPhoenix Editorial

imagens de abertura: © Ondrej Prosicky/Shutterstock (árvore);

© Rattiya Lamrod/Shutterstock (coruja);

© Gray Wall Studio/Shutterstock (nuvens)

capa: Ervin Serrano

imagens de capa: © Nadtytok/Shutterstock (pena);

© Lukas Gojda/Shutterstock (chama);

© Renikca/Shutterstock (padronagem); © HorenkO/Shutterstock (textura)

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549d Roberts, Nora

De sangue e ossos / Nora Roberts; tradução Simone Reisner.
São Paulo: Arqueiro, 2020.

432 p.; 16 x 23 cm. (Crônicas da Escolhida 2)

Tradução de: *Of blood and bone*

Sequência de: Ano Um

ISBN 978-85-306-0084-6

I. Ficção americana. I. Reisner, Simone. II. Título. III. Série.

19-60673

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Kayla, que está crescendo
cada vez mais inteligente e mais forte.*





A ESCOLHA

Tão próxima do nosso pó é a grandeza,
tão próximo do homem está Deus.
Quando o Dever sussurra *É preciso*,
o jovem responde *Eu o farei*.

– Ralph Waldo Emerson

PRÓLOGO

Dizem que um vírus aniquilou o mundo. Mas foi magia, negra como uma noite sem lua. O vírus foi sua arma, uma torrente de flechas no céu, balas silenciosas atacando, uma lâmina afiada. Porém, foi o gesto inocente – um toque de mão, um beijo de boa-noite dado pela mãe – que espalhou a Catástrofe, trazendo uma morte súbita, dolorosa e hedionda para bilhões.

Muitos dos que sobreviveram ao primeiro ataque brutal, ao vírus, acabaram por morrer por mãos humanas – e não poucos pelas próprias mãos – à medida que as videiras espinhosas da loucura, da tristeza e do medo estrangulavam o mundo. Outros, incapazes de encontrar abrigo, comida, água potável e medicamentos, simplesmente minguiaram e morreram à espera de ajuda e de uma fonte de esperança que nunca veio.

A espinha dorsal da tecnologia se rompeu, trazendo a escuridão e o silêncio. Governos foram derrubados de seus pedestais de poder.

A Catástrofe não poupou democracias, ditadores, parlamentos nem reinos. Alimentou-se de presidentes e camponeses com a mesma avidez.

Nessa escuridão, as luzes que estavam apagadas por milênios acordaram. A ascensão das magias, a boa e a maléfica, foi um dos produtos do caos. Poderes despertos ofereceram uma escolha entre o bem e o mal, entre a luz e a escuridão.

Alguns sempre escolheriam a escuridão.

Os Incomuns dividiam com os seres humanos o que restou do mundo. E aqueles que abraçaram a escuridão – humanos e bruxos – atacaram, transformando grandes cidades em escombros, caçando aqueles que se escondiam ou que contra eles lutavam, para destruí-los, escravizá-los, deleitar-se com seu sangue, enquanto corpos entulhavam o chão.

Em pânico, governos ordenaram a suas forças militares que recolhessem os sobreviventes para “conter” os Incomuns. Assim, uma criança que acabasse de descobrir suas asas poderia se encontrar amarrada sobre a mesa de um laboratório, em nome da ciência.

Homens exerciam uma justiça perversa em nome de Deus, espalhando medo e ódio, construindo os próprios exércitos para expurgar o “outro”. Para eles, a magia vinha da mão do diabo, portanto qualquer um que a possuísse era um demônio e deveria ser enviado de volta para o inferno.

Saqueadores cruzavam as cidades arruinadas, as estradas principais e as vicinais, para queimar e matar simplesmente por prazer. Os seres humanos sempre encontram maneiras de serem cruéis uns com os outros.

Em um mundo tão corrompido, quem iria impedi-los?

Havia murmúrios na luz e rumores na escuridão, que chegaram aos ouvidos dos humanos – sobre uma guerreira que estava por vir. Filha dos Tuatha de Danann, ela só seria revelada ao assumir sua espada e seu escudo. Então ela, A Escolhida, levaria a luz para combater a escuridão.

Mas os meses se tornaram anos, e o mundo permanecia em ruínas. Caçadas, invasões e buscas continuavam.

Alguns se escondiam, saindo apenas durante a noite para procurar comida ou roubar o suficiente para sobreviver por mais um dia. Alguns preferiram tomar as estradas, em uma migração sem fim para lugar nenhum. Outros se instalaram na floresta para caçar, ou nos campos para plantar. Alguns formaram comunidades, que sofriam altos e baixos enquanto lutavam para se manter vivos em um mundo onde um punhado de sal era mais precioso que ouro.

E alguns, como aqueles que encontraram e formaram Nova Esperança, reconstruíram. Quando o mundo acabou, Arlys Reid relatou seu fim como âncora de uma emissora de TV em Nova York, posto que havia herdado. Ela vira a cidade arder ao seu redor e, no final, optou por dizer a verdade a todos os que ainda podiam ouvi-la e fugir.

Viu a morte de perto, matou para sobreviver.

Testemunhou pesadelos e maravilhas.

Até que, juntamente com um punhado de pessoas, incluindo três crianças, Arlys encontrou a cidade rural deserta que batizaram de Nova Esperança. E, lá, resistiram.

Agora, no Ano Quatro, Nova Esperança era o lar de mais de trezentas pessoas, tinha um prefeito, um conselho da cidade, uma força policial, duas escolas (uma delas para o treinamento de bruxos), uma horta e uma cozinha comunitárias, duas fazendas (uma delas com um moinho para farinha e grãos), uma clínica (com um pequeno serviço de odontologia), uma biblioteca, um depósito de armas e um grupo de defesa armado.

Tinham médicos, curandeiros, herboristas, tecelões, costureiros, encanadores, mecânicos, carpinteiros e cozinheiros. Alguns deles haviam exercido essas mesmas atividades no mundo antigo, mas a maioria estudou e aprendeu no mundo novo.

Contavam com segurança armada, sempre a postos, 24 horas por dia. E, embora permanecessem em regime de voluntariado, a maioria dos moradores participava dos combates e do treinamento com armas.

Em seu primeiro ano, o Massacre de Nova Esperança se manteve como uma cicatriz viva no coração e na mente de todos os que ali habitavam. Essa cicatriz e os túmulos dos mortos levaram à formação do grupo de defesa e de grupos de resgate, cujos integrantes arriscavam a própria vida para salvar outras.

Na calçada, olhando para Nova Esperança, Arlys entendeu por que aquilo importava. Por que tudo aquilo importava. Mais do que sobreviver, como tinha sido nos terríveis primeiros meses, mais até do que construir, como fora nos meses que se seguiram.

Estavam vivendo e, como dizia o nome da cidade, isso era esperança.

Era importante, pensou ela, ao ver Laurel – uma elfa – varrendo a entrada do prédio onde morava, em uma manhã fria de primavera. Mais adiante, Bill Anderson limpava os vidros da vitrine de sua loja, que funcionava na base da troca e em cujas prateleiras guardava inúmeros objetos úteis.

Fredinha, a jovem estagiária que enfrentara os horrores dos túneis do metrô ao sair de Nova York com Arlys, ocupava-se cuidando do jardim da comunidade. Com suas asas mágicas e um otimismo infundável, ela vivia todos os dias com esperança.

Rachel, médica e grande amiga, acenou para Arlys ao sair para abrir as portas da clínica.

– E o bebê? – gritou Arlys.

– Dormindo... A não ser que Jonah o tenha pegado de novo quando eu virei as costas. O homem está fascinado.

– Como um pai deve ser. Hoje não é o seu check-up de seis semanas, doutora? Um dia importante para você.

– Esta médica aqui já deu alta total à sua paciente, mas Ray vai formalizar isso. Hoje é um dia importante para você também. Como está se sentindo?

– Ótima. Animada. Um pouco nervosa.

– Vou acompanhar a transmissão. E quero ver você aqui quando tiver terminado.

– Pode deixar. – Enquanto falava, Arlys pôs a mão na montanha que sua barriga se tornara. – Este bebê já deve estar mais do que pronto. Se demorar mais, não vou conseguir nem me mexer.

– Vamos dar uma olhada. Bom dia, Clarice – disse Rachel quando surgiu a primeira paciente do dia. – Vamos entrar. Boa sorte, Arlys. Vamos ouvir sua transmissão.

Arlys começou a andar como um pato (não havia outra maneira para descrever seus movimentos), mas parou quando alguém a chamou.

Ela esperou que Will Anderson se aproximasse – seu vizinho de infância, atual representante da cidade e o amor de sua vida.

Ele colocou a mão na barriga dela e a beijou.

– Quer que eu vá com você até o trabalho?

– Claro que quero.

De mãos dadas, eles se dirigiram à casa onde ele morara durante seus primeiros meses na comunidade.

– Tudo bem se eu ficar por perto e assistir?

– Se você quiser... Só não sei quanto tempo vai levar para organizar tudo. Chuck está otimista, mas...

– Se o Chuck diz que podemos fazer, é porque podemos.

Sentindo um frio na barriga, ela soltou um suspiro.

– É, é melhor eu ir com você – disse Will.

Chuck tinha sido a principal fonte de Arlys durante a Catástrofe. Um hacker, gênio da computação, ele agora cuidava da pouca tecnologia disponível – no porão, é claro. O cara era um famigerado habitante de porões.

– E quero ver você trabalhando – acrescentou Will.

– E o que eu faço em casa, com o *Boletim*, não é trabalho?

– Também. É um presente para a comunidade. Mas hoje vai ser transmissão ao vivo, meu amor. É o que você está destinada a fazer.

– Eu sei que algumas pessoas estão preocupadas com o risco de chamar a atenção para nós. O tipo errado de atenção.

– Vale a pena. E, além de Chuck saber o que está fazendo, vamos ter os escudos mágicos. Se você conseguir alcançar uma pessoa lá fora, pode vir a alcançar uma centena. Se alcançar uma centena, quem sabe aonde poderá chegar? Ainda tem muita gente que não faz ideia do que está acontecendo, não sabe onde encontrar ajuda, comida, medicamentos. Isso é importante, Arlys.

Para ela, também era importante que ele arriscasse a vida em resgates.

– Eu estava pensando sobre o que realmente importa – disse ela. Fazendo uma pausa antes de entrar na casa, Arlys se virou para Will. – Você está no topo da lista.

Eles contornaram a casa até os fundos do terreno, onde ficava a entrada do porão.

No interior, o que tinha sido uma grande sala para os prazeres da vida em família agora guardava o sonho de um amante de computadores – caso seu sonho fosse juntar componentes, cabos, discos rígidos, placas-mães, desmontar máquinas antigas, reconfigurar desktops e laptops, conectar telas variadas.

Ela sabia que Chuck sonhava mesmo com tudo aquilo.

Ele estava sentado diante de um dos teclados, de moletom e calça cargo, um boné com a aba virada para trás sobre os cabelos descoloridos havia pouco – cortesia da cabeleireira da comunidade. Sua barbicha fora pintada de vermelho vivo.

Por falar em vermelho, os cachos de Fredinha balançaram quando ela se levantou da cadeira, cercada por três crianças de 4 anos e uma variedade de brinquedos.

– Aqui está sua equipe! Eu sou produtora, assessora e assistente de câmera.

– Pensei que a assessora fosse eu – disse Katie.

Katie, mãe de três, mantinha um olho nas crianças enquanto aguardava sentada no braço do sofá de almofadas murchas, onde Arlys sabia que muitas vezes Chuck acabava dormindo.

– Coassessora e supervisora dos amplificadores.

– Os gêmeos estão animados – comentou Katie, observando Duncan e Antonia. – Só espero que eles entendam o que estamos fazendo... e nós também.

– Vamos ajudar a Arlys e o Chuck – disse Duncan, sorrindo para a mãe.
– Eu e a Tonia.

– Aperta! – gritou a irmã de Duncan.

Tonia riu, levantando a mão. Duncan colou a palma da mão na dela. Uma luz brilhou.

– Ainda não – disse a loura e rosada Hannah, tão diferente dos gêmeos. Ela se levantou e deu um tapinha na perna da mãe, como se quisesse reconfortá-la, e se aproximou de Arlys.

– Quando vai nascer?

– Em breve. Espero.

– Posso assistir?

– Hã...

Rindo, Katie se levantou para dar um beijo em Hannah.

– Ela adoraria.

– Bem – disse Chuck, girando na cadeira –, vocês estão prestes a ser testemunhas da história e da estreia da Rede de Notícias Nova Esperança.

– Estamos conectados?

Ele sorriu para Arlys, fazendo sinal de positivo.

– Estamos conectados. Definitivamente conectados, com alguma ajuda dos *amplificadores*.

Os gêmeos deram pulinhos, os olhos brilhando.

– Ainda não, ainda não. – Dessa vez, foi Arlys quem os refeou. – Preciso revisar minhas anotações... Preciso de alguns minutos.

– Nós não vamos a lugar algum – respondeu Chuck.

– Ok, ok. Me dê só um tempinho.

Aturdida quando menos esperava, ela saiu da casa com sua pasta de anotações. Fredinha foi atrás dela.

– Não precisa ficar nervosa.

– Ai, Fredinha...

– É sério. Você é muito boa nisso. Sempre foi.

– Eu só assumi esse posto em Nova York porque todos morreram.

– Naquele momento, sim, foi por causa disso – argumentou Fredinha.

– Mas o posto acabaria sendo seu mais cedo ou mais tarde.

Fredinha colocou as mãos nos ombros de Arlys.

– Lembra o que você fez naquele último dia?

– Ainda tenho pesadelos.

– O que você fez quando Bob apontou uma arma para você, ao vivo na TV? Você manteve o controle. E o que fez quando ele se matou ali mesmo, do seu lado? Manteve o controle, continuou e fez muito mais. Você olhou para a câmera e disse a verdade. E fez isso sem anotação nenhuma, sem o teleprompter. Porque é o que você faz. Você diz às pessoas a verdade. E é o que vai fazer agora.

– Eu não sei por que estou tão nervosa.

– Será que são os hormônios? – sugeriu Fredinha.

Acariciando a barriga, Arlys riu.

– Talvez. Hemorroidas, azia e hormônios. Ter um filho é uma aventura.

– Mal posso esperar para ter as minhas aventuras. Quero um milhão de filhos.

Com um suspiro, Fredinha olhou para o jardim dos fundos.

Arlys já se daria por satisfeita se conseguisse ter aquele – e logo.

Mas agora havia um trabalho a ser feito.

– Muito bem. Como eu estou?

– Linda. Mas hoje eu também sou sua maquiadora. Vou passar pó e batom para você aparecer diante da câmera. Vai ficar maravilhosa.

– Eu te amo, Fredinha. De verdade.

– Ah, eu também te amo. De verdade.

Ela deixou Fredinha maquiá-la, fez alguns exercícios vocais, bebeu um pouco de água, fez algumas respirações de ioga.

Quando voltou para a sala, viu o sogro no sofá, cercado pelas crianças. Ele tinha um jeito especial de atraí-las.

– Bill, quem está tomando conta da loja?

– Vai ficar fechada por uma hora. Quero ver minha garota ao vivo. Seus pais ficariam orgulhosos de você. Sua mãe, seu pai, Theo... todos ficariam orgulhosos.

– Considere essa a sua bancada de âncora – disse Chuck, dando batinhas numa cadeira na frente de uma de suas muitas mesas. – Você vai olhar para essa câmera. Eu já posicionei tudo. O que estamos fazendo aqui, meninos e meninas, é... uma bela de uma transmissão simultânea. Temos o radioamador, a transmissão direta e a TV a cabo funcionando.

Eu vou monitorar você e cuidar de tudo enquanto fala, mas esqueça o homem nos bastidores. É o seu show, Arlys.

– Tudo bem.

Ela se sentou e se ajeitou na cadeira. Abriu a pasta e pegou a foto do último Natal que passara com a família. Apoiou-a em um teclado próximo.

– Estou pronta quando você estiver.

– Fredinha vai fazer a contagem regressiva. Ok, crianças, vamos botar fogo no circo.

– Não diga “botar fogo”! – protestou Katie, levantando as mãos. – Você não tem ideia.

– Vamos ajudar! – Tonia remexeu o bumbum, empolgada. – Vamos fazer assim, Duncan.

– Assim.

Ele sorriu para a irmã e os dois se deram as mãos. Uma luz brilhou através dos dedinhos.

– É disso que eu estou falando! – Chuck correu de um monitor para o outro, ajustou-os e soltou um grito de empolgação. – É disso que eu estou falando. Vamos conseguir, e vai ser agora.

– Arlys – chamou Fredinha, atrás da câmera. – Em cinco, quatro...

Ela terminou a contagem regressiva só com os dedos, em silêncio, e mostrou o último com um sorriso brilhante.

– Bom dia, aqui é Arlys Reid. Não sei quantas pessoas podem me ouvir ou me ver, mas, se você está recebendo isto, espalhe a notícia. Vamos fazer novas transmissões, com a maior frequência possível, para passar informações, trazer a verdade e relatar os fatos. Para que você saiba, onde quer que esteja, que não está sozinho.

Ela respirou fundo e apertou a barriga com as duas mãos.

– Quatro anos após a Catástrofe, fontes confirmam que a capital do país, Washington, permanece instável. A lei marcial continua em vigor por toda a área metropolitana, enquanto gangues conhecidas como Rapiantes e Incomuns Sombrios continuam a atacar. Forças de resistência romperam a segurança em um centro de contenção em Arlington, Virgínia. De acordo com testemunhas, mais de trinta pessoas foram libertadas.

Ela falou por 42 minutos. Noticiou os bombardeios em Houston, o ataque dos Guerreiros da Pureza a uma comunidade no estado de Maryland, incêndios, casas invadidas.

Mas terminou com histórias sobre coragem e bondade. A clínica móvel que utilizava carroças e cavalos para chegar a campos remotos, os abrigos para os desalojados, os salvamentos e a distribuição de alimentos.

– Protejam-se – continuou ela –, mas, lembrem-se, segurança não é suficiente. Vivam, trabalhem e se encontrem. Se você tiver uma história, se tiver notícias, se estiver à procura de um ente querido e puder se comunicar comigo, eu darei a notícia. Você não está sozinho. Aqui é Arlys Reid para a Rede de Notícias Nova Esperança.

– E terminamos. – Chuck se levantou e deu um soco no ar. – Sucesso da porra!

– Da porra! – repetiu Duncan.

– Opa. Quer dizer, foi ótimo, crianças. Soquinho. Anda, bate aqui.

Morrendo de rir enquanto Katie apenas fechava os olhos, Chuck foi até Duncan e Tonia e levantou o punho.

Os dois inclinaram a cabeça ao mesmo tempo e levantaram os punhos minúsculos, batendo-os nos dele e provocando uma faísca.

– Ai! – gemeu Chuck, dançando um pouco ao redor, soprando os nós dos dedos. – Um pico de energia. *Adoro.*

Fredinha piscou para afastar as lágrimas.

– Foi um sucesso. Incrível.

Will se inclinou e beijou o topo da cabeça de Arlys.

– Você me surpreende a todo instante – disse ele.

– Foi... o certo a fazer. Depois que passou o nervosismo inicial, a sensação era de estar fazendo a coisa certa. Quanto tempo fiquei no ar?

– Impressionantes 42 minutos.

– Nossa, 42. – Ela girou na cadeira. – Eu não deveria ter envolvido os gêmeos por um período tão longo. Desculpa, Katie, perdi a noção do tempo.

– Eles ficaram bem. Eu estava de olho – disse Katie, acalmando-a. – Só vão precisar de uma longa e agradável soneca, como a irmã. – Ela olhou para Hannah, que dormia encolhida no colo de Bill, e continuou: – Você está com cara de quem poderia tirar uma soneca também. Isso deve ter exigido muito da sua energia. Você me parece um pouco pálida.

– Na verdade, acho que cerca de cinco minutos depois que comecei, senti algumas contrações. Talvez antes disso, na verdade. Pensei que fossem os nervos.

– Você... O quê? Agora?

Arlys agarrou a mão de Will.

– Acho melhor procurarmos a Rachel. E eu acho que está... É, acho que vai ser agora.

Ela colocou uma das mãos sobre a mesa e apertou a de Will com a outra.

Katie correu até ela e, passando a mão em círculos na barriga endurecida de Arlys, ordenou:

– Respire. Respire quando tiver cada contração. Você fez as aulas.

– Que droga de aulas eram aquelas? Não doía assim nas aulas.

– Respire quando sentir contrações – repetiu Katie, com muita calma.

– Você acabou de fazer a primeira transmissão ao vivo de Nova Esperança em trabalho de parto. Claro que consegue respirar quando sentir uma contração.

– Está passando. Está passando.

– Obrigado, meu Deus – murmurou Will, flexionando os dedos doloridos. – Ai!

– Acredite em mim, isso não chega nem perto de um “ai”. – Arlys respirou fundo. – Eu preciso muito da Rachel.

– Eu também. – Will a ajudou a se levantar. – Vamos bem devagar. Pai?

– Eu estou tendo um neto.

Katie pegou Hannah do colo dele.

– Vá com eles.

– Estou tendo um neto! – repetiu Bill.

– Fredinha? – Arlys olhou para trás. – Você não vem?

– Sério? Eu posso? Minha nossa! Eu vou na frente, para avisar a Rachel. Minha nossa! Chuck?

– Ah, não, obrigado. Não quero, não. Com todo o respeito, Arlys, mas de jeito nenhum.

– Tudo bem.

– Estamos tendo um bebê!

Fredinha abriu as asas e saiu voando do porão.

Duncan foi até a porta para vê-los partir.

– Ele quer sair – observou o menino.

Katie mudou Hannah de posição no colo.

– Ele?

– Ele. – Tonia se aproximou de Duncan. – O que ele está fazendo lá dentro?

– Isso é outra história – explicou Katie. – Venham, crianças, hora de ir para casa. Bom trabalho, Chuck.

– O melhor que já fiz.

Ao longo das oito horas seguintes, Arlys descobriu uma série de coisas. A primeira e mais urgente foi que as contrações ficavam muito mais difíceis e duravam um tempo muito maior, infernal, à medida que o trabalho de parto progredia.

Descobriu (não que fosse uma surpresa) que Fredinha era uma companheira alegre e incansável. E que Will (também nenhuma surpresa) era uma rocha.

Recebeu notícias (uma boa distração) de que sua transmissão chegara a mais de 30 quilômetros, segundo as informações de Kim e Poe, que haviam se posicionado longe dali para conferir tudo em um laptop.

Descobriu por que o processo se chamava *trabalho* de parto.

Em determinado momento, Arlys se dissolveu em lágrimas. Will a envolveu em seus braços.

– Está quase acabando, meu amor. Quase acabando.

– Não é isso, não é nada disso. Lana. Pensei em Lana. Meu Deus, ter que fazer isso sozinha... Sem Max, sem Rachel, sem nós. Passar por isso sozinha.

– Eu acho que ela não estava sozinha – disse Fredinha, afagando Arlys.

– Acho mesmo, de verdade. Na noite em que aconteceu, eu senti. Muitos de nós sentimos. O nascimento da Escolhida. Ela não estava sozinha, Arlys. Eu sei disso.

– Jura?

– Juro.

– Ok. Ok. – Arlys conseguiu dar um sorriso quando Will secou suas lágrimas. – Está quase acabando mesmo?

– Sim – respondeu Rachel. – Hora de fazer força. Will, apoie as costas dela. Na próxima contração, empurre. Vamos trazer esse bebê ao mundo.

Ela fez força, recuperou o fôlego, fez força, se recuperou de novo e, oito horas depois de fazer história nas transmissões televisivas, Arlys deu à luz seu filho.

E ela aprendeu algo mais: o amor podia vir como um raio de luz.

– Olhe só para ele! Olhe para ele...

A exaustão se perdeu em meio ao amor que ela sentiu quando o bebê chorou e se remexeu em seus braços.

– Ah, Will, olhe só para ele!

– Ele é lindo, você é linda. Meu Deus, como eu te amo.

Recuando, Rachel alongou os ombros doloridos.

– Quer cortar o cordão umbilical, Will? – sugeriu Rachel.

– Eu...

Ele aceitou a tesoura que Rachel lhe estendia e, em seguida, virou-se para o pai, vendo as lágrimas em seu rosto.

Bill havia perdido netos para a Catástrofe. A filha, a esposa, bebês.

– Acho que o avô deveria fazer isso. O que vocês acham?

Bill passou os dedos sob os óculos.

– Ficarei honrado. Eu sou avô.

Quando ele cortou o cordão, Fredinha encheu a sala de arco-íris.

– Eu sou tia, certo? Tia honorária.

– Sim, você é. – Arlys não conseguia tirar os olhos do bebê. – Você, Rachel, Katie. Os pioneiros de Nova Esperança.

– A cor dele está excelente. – Rachel observou com atenção. – Vou precisar levar meu sobrinho daqui a pouco. Para limpar, pesar e medir.

– Em um minuto. Olá, Theo. – Arlys deu um beijo na testa do bebê. – Theo William Anderson. Vamos fazer do mundo um lugar melhor para você. Vamos fazer tudo que estiver ao nosso alcance para tornar este lugar melhor. Eu juro.

Ela passou o dedo pelo rosto de Theo. Tão pequeno, tão doce, tão dela.

Isso é vida, pensou. Isso é esperança.

Essa é a razão para ambos.

Ela trabalharia e lutaria todos os dias para manter a promessa que fizera ao filho.

Segurando-o bem junto a si, pensou novamente em Lana, na criança que ela trazia na barriga à época.

Na Escolhida.

CAPÍTULO I

Na fazenda onde nascera, Fallon Swift aprendeu a plantar, cultivar e colher, a usar a terra e respeitá-la. Aprendeu a percorrer campos e florestas, silenciosa como uma sombra, para caçar e pescar. A respeitar a presa e não pegar mais do que o necessário, a não matar por esporte.

Aprendeu a preparar alimentos cultivados ou tirados da terra, fosse na cozinha da mãe, fosse sobre uma fogueira.

Aprendeu que comida era mais do que ovos frescos que pegava no galinheiro ou uma truta bem grelhada. Comida significava sobrevivência.

Aprendeu a costurar, embora não gostasse do tempo que passava quieta com uma agulha. Aprendeu a curtir couro, lição que estava longe de ser sua preferida, e, se não tivesse escolha, poderia tecer. Roupas, ela aprendeu, não eram simplesmente algo para vestir. Protegiam o corpo, como uma arma.

Ela respeitava armas e tinha aprendido, desde a mais tenra idade, a limpar uma espingarda, a afiar uma faca e a fazer um arco.

Aprendeu a construir, com martelo e serra, aprendeu a consertar cercas, a fazer reparos na casa antiga que amava tanto quanto amava a floresta.

Uma cerca resistente, uma parede firme, um telhado que protegia da chuva, tudo isso era mais do que um lar feliz. Também significava sobrevivência.

E, embora muitas vezes simplesmente soubesse inconscientemente, aprendeu magia. Aprendeu a acender uma chama com um sopro, a criar um círculo para rituais, a curar uma pequena ferida com sua luz interior, a ver e a enxergar.

Aprendeu, embora muitas vezes simplesmente soubesse, que magia era mais do que uma dádiva a ser valorizada, um ofício a ser aperfeiçoado, uma arma a ser usada com muito cuidado.

A magia era, e sempre seria, sobrevivência.

Mesmo com alimentos, abrigo, roupas e armas, mesmo com magia, nem todos haviam sobrevivido. Nem todos sobreviveriam nos tempos vindouros.

Ela aprendeu sobre um mundo que existira antes de seu nascimento. Um mundo cheio de gente, um mundo de grandes cidades com edifícios imponentes, onde as pessoas viviam e trabalhavam. Nesse mundo, as pessoas viajavam pelo ar e pelo mar, por estradas e trilhos. Alguns até viajaram para o espaço, e para a lua que pairava no céu.

Sua mãe vivera em uma cidade grande, Nova York. Fallon sabia, pelas histórias contadas e pelos livros que devorava, que o mundo fora um lugar cheio de gente, barulho, luz e escuridão.

Um lugar de maravilhas, que Fallon jurava que veria um dia.

Muitas noites ela o imaginava, quando ficava acordada vendo a dança das fadas do lado de fora de sua janela.

Guerras se desenrolaram naquele mundo, assim como o fanatismo e a crueldade, exatamente como agora. Pelos livros e histórias, ela conhecia as guerras que haviam acontecido. E, pelos visitantes que paravam na fazenda, conhecia as guerras ainda em curso.

Seu pai fora um soldado. Ele a ensinou a lutar: com as mãos, os pés e a mente. Ela aprendeu a ler mapas e a desenhá-los, e imaginou segui-los nas viagens que sabia, sempre soubera, que um dia faria.

Não tinha apego, como via nos pais, ao mundo anterior às tantas mortes causadas pela Catástrofe. Bilhões, dizia-se. Muitos se lembravam de quando aquelas grandes cidades foram destruídas pelo fogo, a loucura e as magias sombrias. A crueldade e a ganância dos homens ainda habitavam a mente e o sangue daqueles que as haviam enfrentado.

Quando ela vislumbrava os dias futuros, sabia que haveria mais fogo, mais sangue, mais mortes. E que ela própria seria parte de tudo isso. Então, muitas vezes ficava acordada à noite, abraçando seu ursinho de pelúcia, presente de um homem que ainda viria a conhecer.

Quando aqueles manhãs eram muito pesados, muitas vezes ela saía da casa, enquanto os pais e os irmãos dormiam, se sentava ao ar livre e ficava observando as pequenas fadas que cintilavam como vaga-lumes. Um lugar onde ela podia sentir o cheiro da terra, das plantações, dos animais.

Na maioria das vezes, ela dormia o sono tranquilo e inocente de uma criança que tem pais amorosos e três irmãos um pouco chatos, uma criança saudável com uma mente questionadora e um corpo ativo.

De vez em quando sonhava com o pai, o homem com quem a mãe vivera em Nova York e que amara. O homem que, Fallon sabia, havia morrido para que ela vivesse.

Ele fora um escritor, um líder, um grande herói. Ela levava seu nome, assim como o nome do homem que a trouxera ao mundo, que a criara, que a educara. Max Fallon, seu pai biológico. Simon Swift, seu pai de criação.

Dois nomes igualmente importantes, pensou. Assim como a mãe usava duas alianças, uma de cada homem que amara.

E, embora amasse o pai tão profunda e verdadeiramente quanto uma criança poderia amar, imaginava como teria sido aquele que lhe dera a cor dos olhos e dos cabelos e que, junto com sua mãe, lhe havia transmitido os poderes.

Ela lia os livros dele – todos lhe foram dados de presente – e observava a foto dele na orelha dos exemplares.

Uma vez, quando tinha apenas 6 anos, estava na biblioteca com um dos livros de Max Fallon. Embora não entendesse todas as palavras, gostou de ver que era sobre um bruxo, um homem que usava de magia e de inteligência para lutar contra as forças do mal.

Quando seu pai entrou, uma pontada de culpa a fez tentar esconder o livro. Seu pai não possuía magia, mas era muito inteligente e esperto.

Ele a pegou e a colocou no colo. Ela adorava o cheiro dele: de fazenda, de terra, de animais, de coisas que cresciam.

Às vezes desejava ter olhos como os dele, que mudavam de um tom verde para dourado ou misturavam as duas cores. Quando desejava isso, sentia-se culpada em relação ao outro pai.

– É um bom livro.

– Você leu?

– Sim. Minha mãe gostava muito de ler. Foi por isso que meus pais criaram este espaço. Você não precisa esconder nada de mim, minha querida. Nada mesmo.

– Porque você é o meu pai. – Ela se aninhou, deitou o rosto no peito dele: *tum, tum, tum*. – Você é o meu pai.

– Eu sou seu pai. Mas não teria tido a chance de ser se não fosse por

Max Fallon. – Ele virou o livro para que ambos pudessem olhar a fotografia do belo homem moreno, com olhos cinzentos fortes. – Eu não teria a minha garota mais bonita se ele não tivesse amado sua mãe e ela não tivesse correspondido. Se eles não tivessem feito você. Se ele não tivesse amado tanto vocês duas, se não tivesse sido tão corajoso a ponto de dar a própria vida para protegê-las. Sou muito grato a ele, Fallon. Devo muito a ele.

– Mamãe ama você, papai.

– Sim, ela me ama. Sou um cara de sorte. Ela me ama, e ama você, e ama também Colin e Travis.

– E o novo bebê que vai chegar.

– Isso mesmo.

– Não é uma menina – afirmou ela, com um enorme suspiro de tristeza.

– Não?

– Tem um menino dentro dela outra vez. Por que ela não pode fazer uma irmã para mim? Por que ela sempre faz garotos?

Ela ouviu a risada no peito do pai.

– Na verdade, a culpa é minha. Acho que é assim que funciona. – Ele acariciou os longos cabelos pretos da filha enquanto acrescentava: – E acho que isso significa que você vai ter que continuar a ser a minha garota preferida. Você contou à sua mãe que é um menino?

– Ela não quer saber. Gosta de ficar imaginando.

– Então eu também não vou contar. – Simon beijou a cabeça da menina. – Vai ser nosso segredinho.

– Papai?

– Hum?

– Eu não consigo ler todas as palavras. Algumas são muito difíceis.

– Que tal eu ler o primeiro capítulo para você antes de voltar para o trabalho?

Ele a ajeitou no colo, abriu o livro na página 1 e começou a ler em voz alta.

Fallon não sabia que *O rei feiticeiro* era o primeiro romance de Max; ou talvez, no fundo, soubesse. Mas se lembraria para sempre do pai lendo-o para ela, capítulo por capítulo, todas as noites, antes de dormir.



E assim ela aprendeu. Aprendeu sobre bondade com o pai, sobre generosidade com a mãe. Aprendeu sobre o amor, a luz e o respeito com o lar, a família e a vida que lhe foram dados.

Aprendeu sobre guerras, sofrimento e dor com os viajantes que apareciam na fazenda ou na aldeia vizinha, muitos deles feridos.

Teve aulas sobre política – que achou maçantes, pois as pessoas falavam muito e faziam pouco. E de que valia a política quando as notícias que chegavam eram de que o governo (uma palavra muito vaga para ela) começara a se reconstruir no terceiro ano após a Catástrofe, apenas para cair novamente antes do final do Ano Cinco?

Agora, no Ano Doze, a capital dos Estados Unidos – que não lhe pareciam unidos nem antes nem agora – continuava uma zona de guerra. Facções dos Rapinantes, grupos de Incomuns Sombrios e dos fiéis ao culto dos Guerreiros da Pureza se digladiavam por poder, por terra e pelo cheiro de sangue. Uns contra os outros, ao que parecia, e contra aqueles que tentavam comandar ou governar.

Embora desejasse paz, quisesse construir e crescer, Fallon entendia a necessidade, o dever de lutar para proteger e defender. Mais de uma vez viu o pai se armar e sair para ajudar a proteger um vizinho, para ajudar a defender a aldeia. Mais de uma vez, ao ver os olhos dele na volta, soube que tinha havido sangue e mortes.

Ela fora educada para lutar, assim como os irmãos. Mesmo enquanto a fazenda se aquecia no verão, as plantas amadureciam, as frutas pendiam pesadas nas árvores e as florestas se enchiam de animais, batalhas amargas se alastravam para além dos campos e colinas de sua casa.

E ela sabia que seu tempo e sua infância seguiam uma contagem regressiva, como o tique-taque de um relógio.

Ela era A Escolhida.

Nos dias em que os irmãos a irritavam – por que tinha irmãos tão chatos? –, quando a mãe não entendia *nada* e o pai cobrava demais, ela desejava que a tal contagem fosse mais rápida.

Outras vezes, tinha raiva. Por que não podia ter uma escolha? Por quê? Queria caçar e pescar, montar a cavalo, correr na floresta com seus cães. Até mesmo com os irmãos.

E muitas vezes lamentava por aquilo que algo além dela, algo além de

seus pais, queria que ela se tornasse. Entristecia-se com a ideia de em breve deixar a família, deixar sua casa.

Cresceu, ficou alta e forte, e a luz dentro dela brilhava intensamente. A proximidade de seu 13º aniversário a enchia de pavor.

Enquanto ajudava a mãe a preparar o jantar, sentia raiva disso, raiva de tudo que era injusto em seu mundo, tudo que era injusto no mundo exterior.

– Vai cair uma tempestade hoje à noite, estou sentindo – disse Lana, soltando os cabelos louros cor de caramelo, que havia prendido para cozinhar. – Mas é uma noite perfeita para comer lá fora. Escorra essas batatas que estão no fogo.

Fallon fez uma careta enquanto se dirigia ao fogão.

– Por que sempre é você que faz a comida?

Lana sacudiu de leve uma tigela coberta. Continha pedaços de pimenta fresca marinada, colhida na horta.

– Seu pai vai fazer o assado hoje à noite – lembrou ela.

– Você já preparou tudo antes. – Com a raiva presa na garganta, Fallon saiu jogando os pedaços de batata no corredor sobre a pia. – Por que o papai, ou o Colin ou o Travis não fazem tudo isso?

– Eles ajudam, assim como você. Ethan também, ele está aprendendo. E sobre o ponto central da sua pergunta: eu gosto de cozinhar. Gosto de fazer comida, especialmente para a minha família.

– E se eu não gostar? – Fallon se virou, uma menina de pernas compridas, no momento com olhos zangados e uma careta desafiadora. – E se eu simplesmente não quiser cozinhar? Por que eu preciso fazer coisas que não quero?

– Porque todos nós fazemos. Sorte sua que, no revezamento da próxima semana, você vai passar para a limpeza. Agora, preciso que você tempere aquelas batatas para colocar na grelha. Eu já piquei os temperos.

– Está bem.

Ela já sabia o que fazer. Azeite, ervas finas, sal, pimenta.

Assim como sabia que só tinham o azeite e as especiarias porque a mãe e uma bruxa da fazenda vizinha haviam separado cerca de 1 hectare e lançado um feitiço para transformá-lo em clima tropical. Elas tinham plantado oliveiras, bananeiras, pimenteiras, pés de café. Também figos e tâmaras.

Junto com outros, o pai tinha construído prensas para extrair azeite e secadores de frutas.

Todos trabalhavam juntos, todos se beneficiavam. Ela *sabia* disso.

Mas...

– Leve aquilo ali para fora e avise a seu pai para começar a preparar o frango.

Demonstrando seu mau humor, Fallon saiu pisando forte. Lana observou a filha, os olhos azuis como o céu de verão se turvando. *Duas temptades a caminho*, pensou.

Eles comeram à grande mesa ao ar livre que o pai construíra, usando pratos coloridos e guardanapos azuis, a mesa decorada com flores silvestres em pequenos vasos.

A mãe acreditava na importância de montar uma mesa bonita. Ela deixou Ethan acender as velas com seu sopro, pois isso sempre o fazia rir. Fallon se sentou pesadamente ao lado de Ethan. Ele não era tão insuperável quanto Colin ou Travis.

Mas ele tinha só 6 anos. Chegaria lá também.

Simon, com seus fartos cabelos castanhos matizados pelo sol, sentou-se e sorriu para Lana.

– Está com uma cara ótima, querida.

Lana ergueu seu copo de vinho caseiro.

– Mérito do mestre das grelhas. Somos gratos – acrescentou ela, com um olhar para a filha – pelo alimento crescido e feito com nossas próprias mãos. Esperamos pelo dia em que ninguém passe fome.

– Estou com fome agora! – anunciou Colin.

– Então agradeça por haver comida na mesa.

Lana colocou uma coxa de frango no prato do menino. Era o pedaço preferido dele.

– Eu ajudei o papai com a grelha – declarou Colin, acrescentando no prato algumas batatas, legumes e uma espiga de milho. – Então não deveria ter que lavar a louça.

– Essa não vai colar, meu filho – disse Simon, fazendo o prato de Travis enquanto Lana fazia o de Ethan.

Colin balançou a coxa no ar antes de dar uma mordida. Ele tinha os olhos do pai, aquela mesma cor de avelã que era uma mistura de ouro e verde, os cabelos um pouco mais escuros que os da mãe porém clareando

ao sol de verão. Como de costume, ficavam arrepiados em tufos que se recusaram a ser domados.

– Eu colhi o milho.

Travis, já comendo com voracidade, deu uma cotovelada em Colin.

– *Nós* colhemos.

– Irrelevável.

– *Vante* – corrigiu Simon. – *Irrelevante*. E não é.

– Eu colhi a *maior* parte do milho. Isso deve contar.

– Em vez de se preocupar com a louça que você vai lavar, coma seu milho – sugeriu Lana, ajudando Ethan a passar manteiga no dele.

– Em uma sociedade livre, todo mundo tem voz.

– Pena que você não vive em uma. – Simon deu uma cutucada em Colin, provocando nele um sorriso cheio de dentes.

– Que delícia!

Embora tivesse perdido dois dentes de leite, Ethan mordeu seu milho com entusiasmo até chegar à espiga. Tinha os olhos azuis da mãe, cabelos muito louros e disposição de sobra.

– Talvez eu concorra à presidência. – Colin, um ser que jamais era dissuadido de nada, seguiu em frente. – Vou ser presidente da Fazenda Familiar e Cooperativa Swift. Depois, da aldeia. Vou dar o nome de Colinlândia e nunca mais vou lavar louça.

Travis, tão parecido com Colin que quase passaria por irmão gêmeo, achou graça.

– Ninguém vai votar em você.

– Eu voto em você, Colin! – disse Ethan.

– E se eu também concorrer à presidência? – perguntou Travis a Ethan.

– Eu votaria nos dois. E na Fallon.

– Me deixem fora disso – retrucou ela, brincando com a comida no prato.

– Você só pode votar em uma pessoa – explicou Travis.

– Por quê?

– Porque sim.

– “Porque sim” é uma resposta ridícula.

– Essa conversa inteira é ridícula! – exclamou Fallon, com um gesto de irritação. – Você não pode ser presidente porque, mesmo se houvesse alguma estrutura real de governo, você não tem idade nem cérebro suficientes.

– Eu sou tão inteligente quanto você – retrucou Colin. – E vou crescer. Posso ser presidente, sim, se eu quiser. Posso ser qualquer coisa que eu quiser.

– Só se for nos seus sonhos – acrescentou Travis, com um sorriso sarcástico.

O comentário lhe valeu um chute por baixo da mesa, que ele retribuiu.

– Um presidente é um líder, e um líder lidera.

Quando Fallon se levantou, Simon fez menção de se manifestar para acalmar as coisas, mas desistiu quando seu olhar e o de Lana se cruzaram.

– Você não sabe nada sobre líderes – acusou Fallon.

– Você não sabe nada sobre nada – rebateu Colin.

– Eu sei que um líder não sai por aí dando o próprio nome aos lugares. Eu sei que um líder tem que ser responsável pelas pessoas, tem que garantir que elas tenham comida e abrigo, tem que decidir quem vai para a guerra, quem vive e quem morre. Sei que um líder tem que lutar, talvez até matar.

Quando Fallon se enfureceu, luzes de um vermelho raivoso brilharam em volta dela.

– Um líder é aquele a quem todos procuram para ter respostas, mesmo quando não existe nenhuma. Que todos culpam quando as coisas dão errado. É quem faz o trabalho sujo, inclusive lavar a porcaria da louça!

Ela se afastou, arrastando aquela luz de fúria para dentro da casa. E bateu a porta.

– Como ela pode ser tão insuportável? – perguntou Colin. – Como pode ser tão cruel?

– A Fallon está zangada com a gente? – perguntou Ethan à mãe, os olhos cheios de lágrimas.

– Não, meu querido, ela só está zangada. Vamos dar um tempo para ela, está bem? – Ela olhou de relance para Simon. – Fallon só precisa de um pouco de espaço. Ela vai pedir desculpas, Colin.

O menino deu de ombros.

– Eu posso ser presidente se eu quiser. Ela não é a dona do mundo.

O coração de Lana ficou apertado.

– Eu falei que fiz torta de pêssego para a sobremesa? – Tortas sempre deixavam os meninos de bom humor. – Quer dizer, para quem comer tudo.

– Eu conheço um bom jeito de queimar as calorias dessa torta. – Em sintonia com Lana, Simon retomou sua refeição. – Um pouco de basquete.

Desde que ele criara uma meia quadra ao lado do celeiro, o basquete havia se tornado um dos passatempos prediletos dos filhos.

– Eu sou do seu time, pai!

Simon sorriu para Ethan e lhe deu uma piscadela.

– Vamos acabar com eles, campeão.

– Não vão nada. – Colin voltou a comer com vontade. – Travis e eu vamos derrotar vocês.

Travis olhou para a mãe, sustentando seu olhar por um bom tempo.

Ele sabe, pensou Lana. Colin também, mesmo quando a raiva e as ofensas bloqueiam esse conhecimento.

A irmã não era a dona do mundo, mas carregava o peso dele nos ombros.

O fogo de Fallon se consumiu em uma onda de autopiedade chorosa. Jogou-se na cama para derramar as lágrimas – a cama que o pai havia construído, copiando uma que ela vira em uma revista antiga. Depois de um tempo, o choro parou e se transformou em dor de cabeça.

Não era justo, nada era justo. E Colin é que tinha começado. Ele sempre começava alguma coisa com suas ideias idiotas. Provavelmente porque não tinha magia. Porque tinha ciúmes.

Ele bem que podia ter a magia dela e ser obrigado a ir embora com um estranho para aprender a ser o salvador de todo aquele mundo imbecil.

Ela só queria ser normal. Como as meninas da aldeia, das outras fazendas. Como qualquer um.

Ouviu os gritinhos e as risadas pela janela aberta. Tentou ignorar, mas acabou se levantando para olhar lá fora.

O céu estava azul naquele longo dia de fim de verão, mas, assim como a mãe, ela sentia que uma tempestade se aproximava.

Com Ethan empoleirado nos ombros, o pai ia em direção ao celeiro. Os meninos mais velhos já corriam pela curva asfaltada, usando os tênis de basquete que o pai havia encontrado em uma das incursões em busca de suprimentos.

Tentou não sorrir quando viu o pai tirar a bola de Colin, erguê-la para Ethan e caminhar com ele para a cesta, para que ele pudesse soltá-la logo acima do aro.

Não queria sorrir.

Os meninos mais velhos se pareciam com o pai, Ethan se parecia com a mãe.

E ela se parecia com um homem na orelha de um livro.

Só isso já doía mais do que ela pensava ser capaz de suportar.

Alguém bateu de leve na porta. Lana entrou.

– Achei que você poderia estar com fome. Não comeu quase nada.

Uma sensação de vergonha começou a tomar conta de Fallon, mas ela apenas balançou a cabeça.

– Mais tarde, então – disse Lana. – É só aquecer quando quiser comer.

Lana deixou o prato sobre a cômoda feita por Simon.

Fallon balançou a cabeça de novo, mas dessa vez derramou algumas lágrimas. Lana se aproximou e a puxou para um abraço.

– Desculpa – disse a menina.

– Tudo bem.

– Eu estraguei tudo.

– Não estragou, não.

– Eu queria estragar.

Lana beijou o rosto da filha.

– Eu sei, mas não estragou. Você vai se desculpar com seus irmãos, mas ouça como eles estão felizes. Está tudo bem.

– Eu não sou parecida com eles, com você nem com o papai.

Lana passou a mão no longo rabo de cavalo de Fallon e, em seguida, recuou para observar aqueles olhos cinzentos que lhe eram tão familiares.

– Eu já contei sobre a noite em que você nasceu. Sempre foi uma das suas histórias favoritas. Mas nunca te contei sobre a noite em que você foi concebida.

Enquanto falava, Lana a guiou até a cama e se sentou ao lado dela.

– Eu... Isso... – Um calor subiu ao rosto de Fallon. Ela sabia o que significava *conceber*. – Isso é esquisito, mãe.

– Você já tem quase 13 anos, e mesmo que já não tivéssemos falado sobre tudo isso, você vive em uma fazenda. Sabe de onde vêm os bebês.

– Mas é esquisito imaginar a própria mãe fazendo isso.

– Um pouco. Então vamos com calma. Bem, morávamos em Chelsea, um bairro de Nova York, e eu adorava aquele lugar. Havia uma peque-

na padaria do outro lado da rua, uma boa delicatessen na esquina, lojas bonitas por perto, encantadores edifícios antigos. Morávamos num apartamento bem pequeno. Na verdade, eu que fui morar na casa de Max. Adorava aquele apartamento também. As janelas grandes que davam para a rua... A gente via a vida correndo por ali. As estantes cheias de livros... A cozinha não era tão grande quanto a que temos aqui, mas era moderna. Sempre recebíamos amigos para jantar. Eu trabalhava em um bom restaurante e tinha planos vagos de abrir o meu um dia.

– Você é a melhor cozinheira do mundo.

Lana enlaçou a cintura de Fallon com um dos braços.

– Agora não tem muita concorrência por aqui.

Fallon assentiu, e a mãe continuou:

– Quando cheguei do trabalho, tomamos um pouco de vinho, um vinho maravilhoso, e fizemos amor. Depois, poucos minutos depois, alguma coisa explodiu dentro de mim. Uma luz, uma glória, uma... Não consigo explicar a sensação até hoje. Fiquei sem ar, mas da forma mais bonita possível. Max sentiu também. Brincamos um pouco sobre isso, e ele pegou uma vela. Meu poder era tão pequeno que só com muito esforço eu conseguia acender uma vela com magia.

– É mesmo? Mas você...

– Eu mudei, Fallon. Eu me abri naquela noite. Acendi a vela só com o pensamento. Algo nasceu dentro de mim, um poder novo. Como nasceu em Max, em todos nós que tínhamos dons mágicos. Só que, no meu caso, o que nasceu dentro de mim foi você. Aquele momento, aquela explosão, aquela glória, aquela luz... era você. Eu só soube várias semanas depois, mas era você. Você resplandeceu dentro de mim naquela noite. Algumas coisas que você me mostrou enquanto ainda estava dentro de mim também me levaram a perceber que você não era especial apenas para mim, para Max e para Simon, mas para todos.

– Eu não quero ir embora. – Fallon escondeu o rosto no ombro da mãe.

– Não quero ser A Escolhida.

– Então não vá. A escolha é sua, Fallon. Você não pode ser forçada, e eu jamais permitiria isso. Seu pai jamais permitiria.

Fallon sabia disso. Eles lhe explicaram, sempre lhe explicaram, que a decisão seria sua. Mas...

– Você não vai ficar decepcionada comigo? Não vai ter vergonha de mim?

– Não. – Lana a abraçou forte. – Não, não, nunca.

Quantas noites Lana havia se enfurecido e lamentado o destino daquela menina? Apenas uma *menina*. Sua menina.

– Você é a minha vida – reconfortou-a Lana. – Tenho orgulho de você todos os dias. Tenho orgulho de você, da sua mente, do seu coração, da sua luz. Ah, ela brilha com tanta força! E eu tomaria essa luz de você sem pensar duas vezes, se assim pudesse te poupar dessa escolha. De ter que escolher.

– Ele morreu por minha causa. Meu pai biológico.

– Não só por causa do que você pode vir a ser, mas também porque a amava. Fallon, você e eu somos as mulheres mais sortudas do mundo. Amadas por dois homens que são pessoas incríveis, pessoas muito corajosas. Qualquer que seja a sua decisão, eles e eu vamos te amar para sempre.

Fallon se deixou abraçar, reconfortar, acalmar. Então sentiu... E, com suavidade, se afastou um pouco.

– Tem mais coisa. Eu sinto. Sinto que tem coisas que você não me contou, mãe.

– Eu contei sobre Nova Esperança e sobre...

– Quem é Eric?

Lana teve um sobressalto.

– Não faça isso. Você conhece a regra sobre entrar na mente dos outros.

– Eu não entrei, juro. Apenas vi. Senti. Tem mais coisa – insistiu Fallon, sua voz agora trêmula. – Coisas que você não está me contando por medo. Você tem medo por mim, eu sinto isso. Mas se você não me contar tudo, como vou saber o que fazer?

Lana se levantou e foi até a janela. Olhou para os filhos e o marido lá fora, para os dois cães idosos, Harper e Lee, dormindo ao sol; para os dois cães jovens que corriam com os meninos. Olhou para a fazenda, para a casa que tanto amava. Para a vida que havia construído. A escuridão sempre ameaçava a luz, pensou, com certa amargura.

A magia sempre cobrava um preço.

Ela guardara alguns segredos da filha, da mais brilhante das luzes, porque tinha medo. Porque queria a família unida, em casa. Em segurança.

– Eu não te contei algumas coisas porque, na verdade, queria que você dissesse não. Lembra de uma história que te contei, sobre o ataque quando morávamos na casa das montanhas?

– Duas pessoas que estavam com vocês se transformaram. Eram Incomuns Sombrios, mas vocês não sabiam, só souberam quando tentaram te matar. Me matar. Você, Max e os outros enfrentaram os dois e acharam que os tivessem destruído.

– Sim, mas não conseguimos.

– Eles atacaram de novo em Nova Esperança, foram atrás de mim – continuou Fallon. – Para salvar você e a mim, Max se sacrificou. Você fugiu. Fugiu porque eles iam voltar, e você precisava me proteger. Você ficou sozinha por um bom tempo, o tempo todo sendo caçada. Até que encontrou a fazenda, encontrou papai. – Fallon tomou fôlego. – Esse tal de Eric era um deles? Dos Incomuns Sombrios?

– Era. Ele e a mulher com quem ele estava. Eles queriam me matar para matar você. Mataram Max. Eric era irmão de Max.

– Irmão? – Um choque atravessou o corpo dela. – Meu tio. Meu sangue.

Irmãos eram *irmãos*, pensou Fallon, horrorizada, por mais irritantes que fossem. Eram família.

– Eric escolheu trair o próprio sangue, escolheu matar o próprio irmão. Escolheu a escuridão.

– Ele escolheu – murmurou Fallon.

Depois de recuperar o fôlego mais uma vez, ela se aprumou.

– Você precisa me contar tudo, mãe. Não pode deixar nada de fora. Vai me contar?

– Vou.

Lana apertou os olhos. Ela já sabia, olhando naqueles olhos cinzentos, qual seria a escolha da filha.

– Eu vou te contar tudo.

CONHEÇA OS LIVROS DE NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS

Álbum de casamento
Mar de rosas
Bem-casados
Felizes para sempre

A POUSADA

Um novo amanhã
O eterno namorado
O par perfeito

OS PRIMOS O'DWYER

Bruxa da noite
Feitiço da sombra
Magia do sangue

A SINA DO SETE

Irmãos de sangue
A maldição de Hollow
A Pedra Pagã

OS GUARDIÕES

Estrelas da Sorte
Baía dos Suspiros
Ilha de Vidro

CRÔNICAS DA ESCOLHIDA

Ano Um
De sangue e ossos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

